



Cooperação nipo-brasileira assume uma nova escala global

Iniciativas de apoio financeiro e tecnológico estreitam relacionamento entre os dois países



O ano de 2009 marca a comemoração do 50º aniversário da cooperação econômica entre o Japão e o Brasil. Várias iniciativas deram suporte a essa parceria: assistência técnica e científica de peritos japoneses, treinamento de mais de 8 mil bolsistas brasileiros no Japão, empréstimos concedidos por meio da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA) e cooperação financeira não reembolsável em áreas, como meio ambiente, agricultura, infraestrutura e saúde.

Nos últimos anos houve avanço na cooperação triangular, prestada em conjunto por Japão e Brasil para países da América Latina e da África. Recentemente, foi celebrada uma parceria na área de TV digital e é possível que a cooperação nipo-brasileira assumira escala nunca antes vista a partir do projeto de implantação de um trem de alta velocidade.

“A cooperação econômica foi realizada com eficiência e satisfatoriamente nestes 50 anos e acredito que isso se deveu em grande parcela à existência de muitos descendentes de japoneses e ao sentimento de confiança e simpatia mútua entre os dois povos”, afirma o embaixador Ken Shimanouchi. Iniciada em 1908, a imigração dos japoneses transformou o Brasil no país com maior contingente de descendentes de japoneses do mundo: 1,5 milhão de pessoas.

“Orgulhamo-nos dessa cooperação, pois, ao mesmo tempo em que contribuiu para o desenvolvimento do Brasil, ela desempenhou importante papel no fortalecimento das relações econômicas e de amizade entre os dois países e na promoção do intercâmbio”, avalia Katsuhiko Haga, representante-chefe da Agência de Cooperação Internacional do Japão no Brasil (Jica, de Japan International Cooperation Agency).

Na visão da Jica, o avanço a passos largos da globalização faz com que pessoas, matérias, produtos, capital e informações ultrapassem fronteiras. Esse fator, somado à complexidade da economia moderna, torna cada vez mais difícil que os países resolvam seus desafios de forma isolada, a exemplo de mudanças climáticas e segurança alimentar.

“Para o futuro é desejado que os dois os países, atuando como parceiros, unam-se para solucionar os desafios de desenvolvimento do Brasil e os de escala global, executando cooperações econômicas que trarão grande contribuição para a comunidade internacional”, avalia Shimanouchi.

Linha do tempo

- ABR/1952** ▶ Reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão
- ABR/1954** ▶ Fundação da Associação Ásia (órgão executor da cooperação)
- OUT/1954** ▶ Ingresso do Japão no Plano Colombo.
- DEZ/1956** ▶ Ingresso do Japão na ONU, com apoio do Brasil
- FEV/1959** ▶ Envio de perito para 1ª cooperação técnica (irrigação agrícola)
- JAN/1961** ▶ Recepção do 1º bolsista brasileiro no Japão (biologia marinha)
- MAR/1961** ▶ Criação do Fundo de Cooperação Econômica para o Exterior (OECF) como órgão executor de cooperação financeira
- MAR/1962** ▶ Início da primeira cooperação técnica – Centro de Treinamento de Técnica Industrial de Tecelagem (Senai)
- JUN/1962** ▶ Criação da Agência de Cooperação Técnica para o Exterior (OTCA)
- SET/1970** ▶ Assinatura do Acordo Básico para Cooperação Técnica
- AGO/1974** ▶ Fundação da Jica (fusão OTCA e Agência de Emigração do Japão).
- AGO/1976** ▶ Abertura do Escritório da Jica (Escritório Anexo da Embaixada)
- DEZ/1981** ▶ Assinatura dos três primeiros contratos de empréstimo ODA ao Brasil: Construção dos portos de Praia Mole e Vila do Conde e aquisição de Navio Draga.
- SET/1985** ▶ Início da 1ª cooperação triangular, Curso de Treinamento para Terceiros Países – Engenharia Elétrica/Eletricidade Industrial
- SET/1987** ▶ Criação da Agência Brasileira de Cooperação Internacional (ABC)
- MAR/1989** ▶ Primeira participação dos países africanos ao Treinamento para Terceiros Países – Corpo de Bombeiros
- OUT/1999** ▶ Fundação do Banco do Japão para Cooperação Internacional (JBIC) como resultado da fusão entre OECF e Eximbank do Japão.
- MAR/2000** ▶ Assinatura do protocolo do Programa de Parceria Brasil-Japão
- OUT/2007** ▶ Início do primeiro projeto conjunto – Treinamento para Fortalecimento Funcional do Hospital Josina Machel (Angola)
- OUT/2008** ▶ Integração da Jica com o setor de empréstimo ODA da JBIC
- AGO/2009** ▶ Início da primeira cooperação técnica-científica do Brasil – Pesquisa de Produção de Etanol a partir do Bagaço da Cana

Reconstrução a partir de escombros

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, em 1945, o Japão ingressou em uma nova era. Mesmo empenhado em sua própria reconstrução, o Japão aderiu, em 1954, ao Plano Colombo, de cooperação técnica e assistência a países em desenvolvimento incentivado pela Organização das Nações Unidas. A decisão refletiu a vontade de recuperar o quanto antes a confiança internacional e ser reconhecido como nação pacífica.

Atualmente um dos principais países prestadores de assistência no mundo, o Japão

recebeu recursos financeiros, tecnologia e materiais da sociedade internacional para a reconstrução do país, no pós-guerra. Isso incluiu alimentos e medicamentos enviados do Brasil, o que salvou crianças famintas e enfermos.

Com empréstimo do Banco Mundial, foram executadas grandes obras de infraestrutura, como a linha de trem-bala Tokaido. O empréstimo atingiu aproximadamente US\$ 863 bilhões, tornando o Japão um dos maiores países receptores.

Na época, o Brasil tinha na agricultura sua principal ati-



► Japão recebeu ajuda internacional na reconstrução do pós-guerra

vidade econômica e, paralelamente, estimulava a industrialização para aproveitar os recursos existentes em abundância. No entanto, como havia carência de tecnologia e de capital, o governo brasileiro buscou ativamente obter essas duas condições no exterior.

Em meio a esse pano de fundo, em fevereiro de 1959, teve início a cooperação japonesa no Brasil, com o envio de um engenheiro agrônomo perito na área de irrigação. No ano seguinte, sete brasileiros participaram de treinamentos técnicos no Japão em mineração e energia.

Terra estéril do Cerrado vira o celeiro do mundo

Nesse cenário, foi identificado o potencial agrícola do Cerrado, que ocupa 200 milhões de hectares (5,5 vezes o território do Japão) no Centro-Oeste do Brasil. Essa região, de solo ácido, era considerada uma das terras mais estéreis no país, inapropriada para a agricultura. O Japão, que havia sofrido o impacto do embargo à exportação da soja imposto pelos Estados Unidos em 1973, voltou seu interesse para o potencial dessa área. Assim, em 1974, por ocasião da visita ao Brasil do então primeiro-ministro Kakuei Tanaka, foi acordada uma cooperação para o desenvolvimento agrícola da região.

A iniciativa era constituída de instrumentos financeiros e técnicos e seu âmago foi o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados (Prodecer), iniciado em 1979. O programa criou a Companhia de Promoção Agrícola (Campo),



► Região do Cerrado era considerada inapropriada para agricultura

sob administração conjunta de ambos os países, desenvolveu 345 mil hectares (1,5 vez o tamanho de Tóquio) e representou investimentos de 68,4 bilhões de ienes, até seu encerramento em março de 2001.

O Prodecer serviu como carro-chefe para estabelecer uma nova fronteira agrícola, técnica

de melhoria da produção e agricultura sustentável. Atualmente, a área desenvolvida do Cerrado totaliza 10 milhões de hectares. Na cooperação técnica, a contraparte brasileira ficou a cargo do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Época de milagre econômico e choque

A década de 1960 foi marcada pela intensificação na assistência a países em desenvolvimento, representada pela criação da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), bem como de estruturas de assistência em vários países.

No Brasil, o governo enfrentava o desafio da instalação de novas indústrias que impulsionassem a economia e substituíssem as importações. Para isso, incentivou a entrada de tecnologia e capital estrangeiros, resultando em expressivo crescimento entre a segunda metade da década de 1960 e o início da década de 1970, período chamado de “milagre brasileiro”.

Na mesma época, o Japão enfrentou dois grandes cho-



ques em sua economia. O primeiro, em 1972, decorrente da redução global na produção de cereais, provocada por condições climáticas anormais, pois o país dependia da importação de 60% de grãos consumidos. O segundo foi consequência dos dois choques do petróleo, em 1973 e 1978, com forte influência sobre a economia.

Apoio para superar uma década perdida

A década de 1980, no Brasil, foi marcada pela estagnação das atividades econômicas e pelo aumento do desemprego, representando o que se chamou de “década perdida”. O país entrou em crise em razão das duas crises do petróleo e da política mundial de elevação dos juros, com impacto sobre a dívida externa.

Nos anos de 1990, o governo brasileiro promoveu a melhoria da eficiência e da produtividade das indústrias. As medidas incluíram privatização de estatais, liberação de importações e exportações e fortalecimento técnico. Solicitou também cooperação do Japão para a transferência de tecnologia e formação de pessoal e para isso a Jica implementou diversos programas que contribuíram para o desenvolvimento do setor priva-

do, a exemplo da capacitação na área industrial (Senai).

Além disso, a partir da promulgação da Constituição de 1988, o governo brasileiro passou a se engajar ativamente na resolução dos problemas ambientais que se agravavam com o desenvolvimento – como a poluição do ar e das águas e o desmatamento. Na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, a preservação da Floresta Amazônica tornou-se um tópico de interesse mundial.

Com base nessas circunstâncias, a assistência japonesa com relação ao Brasil passou a incluir a diminuição das desigualdades e a preservação do meio ambiente na lista de importantes desafios a tratar.

Convivência entre agricultura e floresta

A partir da década de 1960, a imigração de pequenos agricultores e a produção agrícola em grande escala passaram a ser recomendadas como parte da política para desenvolver a Região Amazônica. Esses avanços, porém, ocorreram sem cuidados com o meio ambiente e até 1988 tinham sido destruídos 460 mil quilômetros quadrados de floresta – o correspondente a 1,2 vez a área do Japão.

Diante desse cenário, a preservação da floresta tropical passou a ser enfatizada, exigindo-se que a pecuária extensiva e a queimada de grandes áreas para a agricultura dessem lugar a uma agropecuária sustentável.

Sustentabilidade

Nesse processo, imigrantes japoneses de Tomé-Açu, cen-

tro da colônia japonesa na região, desenvolveram o sistema agroflorestal, conhecido mundialmente como “a agricultura que convive com a floresta”. Plantam-se árvores e entre elas é feito um consórcio de culturas tropicais, a exemplo de arroz, cacau, pimenta-do-reino e açaí, cada qual com épocas de colheita diferentes. Dessa forma, distribui-se a renda obtida com as lavouras e floresta cultivada e reduz-se o risco da monocultura.

A Jica está engajada na difusão dessa tecnologia para países vizinhos, a exemplo de Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, em conjunto com o Centro de Pesquisa da Amazônia Oriental, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa/CPATU).



► Vista do projeto Alumínio da Amazônia, desenvolvido a partir de um grande depósito de bauxita

Projetos estratégicos para a modernização

Diante das crises das últimas décadas, garantir a provisão estável de recursos e alimentos passou a ser uma questão de suma importância. O Brasil, abençoado com recursos naturais em abundância, é um parceiro importante para o Japão, e a cooperação com o Japão, detentor de capital e tecnologia, tem sido de valor inestimável também para o Brasil em seu processo de modernização.

Com base em acordo entre os dois governos, foram desenvolvidos vários projetos estratégicos, sendo que muitos preveem um contrato de longo prazo pelo qual o Japão adquire parte da produção. Com isso, ao mesmo tempo em que colaboram para o crescimento econômico do Brasil, as iniciativas garantem o abastecimento estável de importantes recursos para o Japão.

Usiminas

O cerne do plano de industrialização do governo Kubitschek previa a construção de usinas siderúrgicas para dobrar a produção de aço em cinco anos. Já o Japão tinha expectativas de in-

gresso de sua indústria siderúrgica no exterior e aumento da exportação de sua marca, assim como o fortalecimento das relações com o Brasil. Esses fatores resultaram no nascimento da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. (Usiminas), uma joint venture nipo-brasileira. Inaugurada em 1962, com a cooperação do Japão nos aspectos financeiro, tecnológico e de equipamentos, a empresa é hoje líder na produção de aço na América Latina. A alta qualidade e alta produtividade decorrem da elevada capacidade técnica transferida pelo Japão.

Cenibra

No início da década de 1960, o Japão viu sua demanda por papel crescer e enfrentava instabilidade no abastecimento de matéria-prima e identificou no eucalipto brasileiro uma fonte de abastecimento estável e de longo prazo. Por outro lado, o desenvolvimento da indústria brasileira de celulose encontrava-se atrasado e a utilização efetiva, a proteção e reciclagem de recursos florestais passaram a ser prioridades na política econômica do país. Um projeto de desenvolvimento

conjunto reuniu a Companhia Vale do Rio Doce (atual Vale) e várias empresas japonesas, para a criação, em 1973, da Celulose Nipo-Brasileira S.A. (Cenibra). A polpa produzida pela empresa é branca, de alta qualidade e de baixo custo, com alta competitividade internacional.

Alumínio da Amazônia

Em 1967, foi descoberto um grande depósito de bauxita na Amazônia e solicitada cooperação do Japão para promover a exploração, o processamento e a exportação desse recurso. Para o Japão, isso coincidia com o interesse de garantir matéria-prima estável e diversificar fontes de abastecimento. Assim, com capital nipo-brasileiro, foram criadas as empresas Alumínio Brasileiro S.A. (Albras), de refino de alumínio, e Alumina do Norte do Brasil S.A. (Alunorte), produtora de alumina. Atualmente 10% do minério de alumínio importado pelo Japão provém da Albras. Além disso, foi construído o Porto de Vila do Conde, que permite a ancoragem de navios de 40 mil toneladas, obra que contou empréstimo ODA do Japão.

Desafios envolvem sustentabilidade

Os problemas hoje assumem dimensões globais e sua resolução requer o engajamento de maior número possível de países. O Brasil, que atualmente exerce liderança no cenário internacional em razão de relações diplomáticas multifacetadas, é tido pelo Japão como um importante parceiro global. Nesse sentido, em 2008, foi lançada a Parceria de Pesquisa Científica e Tecnológica para o Desenvolvimento Sustentável como um novo esquema de cooperação da Jica.

Instituições de pesquisa de ambos os países desenvolvem trabalhos em conjunto com o objetivo de promover a resolução de problemas de escala global. A previsão é dar início a projetos de pesquisas em áreas nas quais o Brasil encontra-se adiantado, como meio ambiente, alimentos e saúde.

Etanol de cana

Está em andamento pesquisa conjunta com o objetivo de contribuir para mitigar o aquecimento global e consolidar técnicas que extraiam o etanol a partir de par-

tes não comestíveis da cana-de-açúcar, como o bagaço ou folhas secas, permitindo a produção sustentável de combustível. Pelo lado brasileiro, atuam as Universidades Federais do Rio de Janeiro e de Santa Catarina. Pelo lado japonês, o Centro de Pesquisa de Biomassa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Industrial Avançada.

Emissões de carbono

Em outra frente, a Jica está desenvolvendo técnicas para avaliar e monitorar com maior confiabilidade as emissões de dióxido de carbono (CO₂), para que

seja possível aumentar incentivos para a preservação das florestas. O projeto está sendo realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e o Instituto de Pesquisa em Florestas e Produtos Florestais, do Japão.

Doenças infecciosas

A Jica, em cooperação com a Universidade de Campinas, deu início, em 2006, ao Curso Internacional sobre Infecções Oportunistas no Paciente HIV/Aids, no âmbito do Programa de Treinamento

para Terceiros Países, tendo como alvo os países da América Latina e países africanos de língua portuguesa, pelo qual é dada orientação sobre diagnósticos e técnicas de tratamento.

A partir de 2010 será realizado um estudo epidemiológico da micose – doença infecciosa que representa uma ameaça para as pessoas com a imunidade debilitada ou compromete uma vida saudável. Espera-se que esses resultados sirvam para melhorar a qualidade de vida das pessoas infectadas pelo HIV na África, na América Latina e também no Japão.

Apoio para investir em obras de infraestrutura

Diferentes projetos de infraestrutura têm sido desenvolvidos por meio da cooperação econômica Japão-Brasil. Os destaques recentes são:

Rio Tietê

O Rio Tietê, que corta a cidade de São Paulo, transbordava frequentemente, provocando inundação de estradas e casas e proliferação de doenças infecciosas. Diante disso, um grande projeto foi executado para a recuperação do Rio Tietê e construção de uma barragem. Hoje as enchentes diminuíram, foram plantadas árvores ao longo da via e são promovidas exposições artísticas ou encenações teatrais nas margens do rio.

Esgoto no Rio

O Rio de Janeiro enfrenta um sério problema ambiental decorrente do lançamento na Baía de Guanabara do esgoto doméstico não tratado. Com abertura estreita e pouca profundidade, a baía apresenta má circulação interna da água do mar, e assim o esgoto



► Tratamento de Esgoto (RJ)

não tratado tende a se acumular. Foram construídas estações de tratamento de esgoto, a começar pela ETE Alegria, e melhorada a rede de esgotos.

Amazônia

O desmatamento ilegal da Floresta Amazônica tornou-se um problema, sendo um desafio para o governo fortalecer a capacidade de monitoramento. Para fiscalizar

a região, é eficaz o uso de imagens de satélite. No entanto, a dificuldade do atual sistema de vigilância do Brasil consiste em não permitir a visualização da superfície quando há nuvens. As imagens de radar do satélite ALOS, do Japão, suprem essa deficiência. A Jica está introduzindo uma cooperação para tornar disponíveis imagens do ALOS e criar um sistema que não sofra influências climáticas.

Portos

O Projeto de Expansão do Porto de Itaqui, no Estado do Maranhão, aproveita a vantagem geográfica dessa instalação, com acesso ao Oceano Atlântico e proximidade da Europa, dos Estados Unidos e do Canal do Panamá. Além disso, a recente carência internacional de recursos minerais e alimentos fez com que o volume de exportação de recursos minerais (como minério de ferro e alumínio) e de grãos (como soja) aumentasse rapidamente. Por essa razão, a Jica está realizando os levantamentos necessários às obras de expansão.

Travessia conjunta para países da África

O Japão e o Brasil lançaram em 2000 o Programa de Parceria Japão-Brasil (JBPP), para promover ainda mais ativamente a cooperação para o desenvolvimento de um terceiro país. Esse programa tem como objetivo atender às mais diversas necessidades, aproveitando os pontos de excelência que ambos os países possuem. A assistência conjunta à África já totaliza 20 anos: começou em 1989, com o recebimento de treinandos na área de técnicas de combate a incêndios.

O Japão e o Brasil possuem muitas experiências e técnicas que podem ser oferecidas aos países africanos nas áreas de agricultura, saúde e preservação da floresta tropical, entre outras. Com base na experiência de transformar os Cerrados, uma região de savanas tropicais, no maior celeiro do mundo, os governos japonês e brasileiro analisam a criação conjunta de um modelo de desenvolvimento agrícola para a África.

O continente concentra 35%



das savanas tropicais do planeta, com a subutilização de extensa área adequada para a agricultura. Os países africanos anseiam pelo crescimento econômico e, por outro lado, o mundo procura uma nova base de produção e exportação de alimentos. Assim, o desenvolvimento agrícola do continente pode contribuir não somente com os países envolvidos, mas também garantir a segurança alimentar do planeta.